

Opinião Anarquista



8M MULHERES FORTES CONTRA A POLÍTICA DA FOME E DA MORTE!

O período da pandemia tornou a vida das mulheres muito mais difícil. Esses dois anos de uma complicada situação causada pela COVID-19 e por sua resposta abriram caminhos para a intensificação de nossa exploração, a precarização da vida e o acirramento da violência contra as mulheres. Aproveitando o caos gerado pela peste, os de cima também colocaram em prática uma política de extermínio de direitos, impedindo o avanço de pautas essenciais às mulheres.

O impacto mais profundo se sente na mesa: vivemos uma situação de miséria generalizada, a palavra carestia voltou a nossas bocas quando o

custo da comida, do gás e tudo o que é mais básico ficou muito mais caro. A comida acabou na geladeira de muitas casas, o desemprego se intensificou e os poucos trabalhos que restaram pagam mal e têm poucas garantias – muitos não trazem direitos essenciais como o salário mínimo, afastamento em momentos de doença, férias e 13º salário.

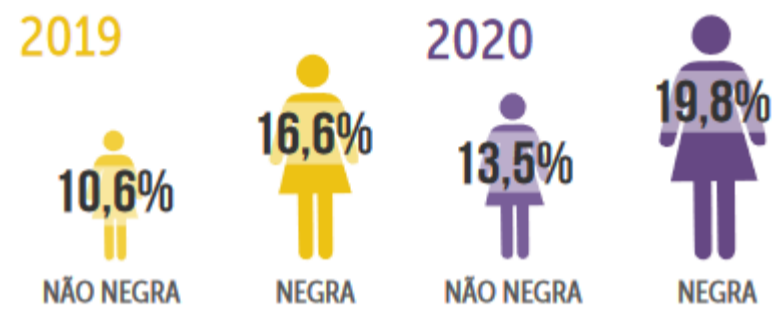
Quando a fome atinge o povo tão drasticamente, atinge diretamente a vida das mulheres. Muitos lares são mantidos por mulheres, sendo elas, muitas vezes, as únicas provedoras das crianças. O mesmo agronegócio que exporta soja, incentivado também com dinheiro público, enquanto padecemos a alta dos preços da comida, envenena nossa saúde e o leite materno com o uso dos agrotóxicos. E isso nos mostra o quanto esse cenário de miséria é produzido pela aliança entre Estado e capitalismo. Assim, somos atingidas triplamente por uma política da fome e da morte e da retirada de direitos.



Quando o desemprego bate mais forte nas mulheres, especialmente quando uma em cada três mulheres negras estão desempregadas, a dependência econômica e junto a ela as agressões psicológicas, morais, sexuais e físicas, passam a fazer parte do cotidiano de muitas.

Além disso, com todo o adoecimento, sobrou para as mulheres o trabalho de

TAXA DE DESOCUPAÇÃO POR COR/RAÇA



cuidar. Mais da metade das mulheres de nosso território passou a cuidar de outras pessoas, acumulando o trabalho de prover e pagar as contas, o cuidado da casa e dos doentes. Condenadas a sair para trabalhar sem conseguir se proteger do vírus e ficar o resto do tempo em casa para se afastar da chance de infecção, muitas companheiras mulheres se depararam com a violência e o feminicídio.

A subnotificação desses casos sempre foi grande e piorou ainda mais com os ataques e o desmonte progressivo do Sistema Único de Saúde (SUS) e do

Sistema Único de Assistência Social (SUAS), além da dificuldade de acesso à denúncia e às medidas protetivas, dada a paralisação, o despreparo e a

INFORMALIDADE EXCETO EMPREGO DOMÉSTICO



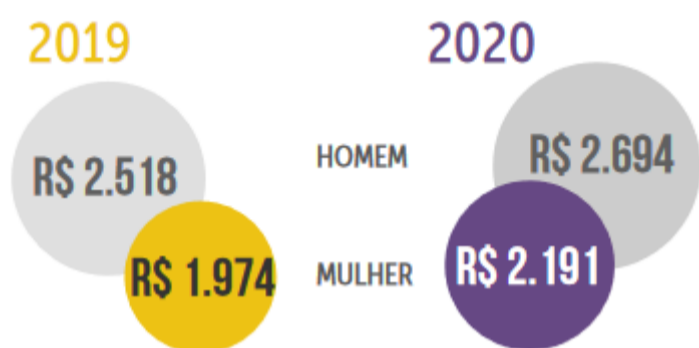
Elas também perderam postos de trabalho informais

ineficácia do atendimento em delegacias especializadas e instituições jurídicas e de apoio. Com isso, sentimos o luto de quatro assassinatos de mulheres todos os dias em 2021, cometidos por seus próprios maridos ou ex-maridos, namorados, noivos, mantendo o Brasil na 5ª posição mundial em taxa de feminicídios.



Desse modo, as dificuldades que nós mulheres – trans, negras, indígenas e periféricas – enfrentamos para viver aumentaram de uma forma alarmante. Ocupadas e assoladas por esses ataques, foi necessário nos mobilizar para sobreviver, para construir redes de solidariedade, apoio mútuo e autodefesa de nossos corpos e de nossas comunidades. Estagnaram nossos avanços em muitas outras pautas, como a luta pela educação sexual; ampliação de acesso a métodos contraceptivos e aborto de gestação; meios de proteção contra a violência doméstica e patriarcal; e a garantia de trabalho e remuneração dignos para as mulheres. Todas essas lutas urgentes para garantir as nossas vidas.

ELAS CONTINUAM GANHANDO MENOS



Os gráficos são de produção do DIEESE: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.pdf>

RESISTIR AOS ATAQUES

Este 8 de março anuncia a entrada de um ano difícil e fundamental para a luta dos e das de baixo. Um ano no qual se acirram as tensões políticas e as ameaças de ataques cada vez mais profundos dos capitalistas e da direita conservadora e protofascista, que desejam destruir ainda mais os direitos das mulheres trabalhadoras.

Para este ano, **nossa resposta é fincar cada vez mais nossos pés no território e nos espaços sociais das classes oprimidas. É tomar para nós a responsabilidade por nossa libertação, pela construção e luta por pautas que ampliem nossos direitos. Nosso caminho é a auto-organização, o ombro a ombro, e a rebeldia de quem já busca no hoje a construção de um mundo novo com socialismo e liberdade e, por isso, necessariamente feminista, antirracista e anticapitalista.**

ARRIBA LAS MUJERES QUE LUCHAN! CONTRA O ESTADO, O CAPITALISMO E O PATRIARCADO!



MULHERES FORTES CONTRA A POLITICA DA FOME E DA MORTE



www

cabanarquista.org



@cabanarquista